

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA  
TERMINALIDADE HUMANIDADES – ÊNFASE EM DIREITOS INDÍGENAS

Walderes Cocta Priprá de Almeida

**O MÕG COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA  
LAKLÂNÔ/XOKLENG**

Florianópolis  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA  
TERMINALIDADE HUMANIDADES – ÊNFASE EM DIREITOS INDÍGENAS

Walderes Cocta Priprá de Almeida

**O MÕG COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA  
LAKLÂNÕ/XOKLENG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Salles Machado

Florianópolis  
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 26 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 10.30 horas, na Sala 311 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Juliana Salles Machado e Presidente, Professor Miguel Angelo Silva da Costa, Titular da Banca, e Professor, Suzana Cavalheiro de Jesus, Suplente, designados pela Portaria nº 03/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Walderes Cotá Priprá de Almeida, subordinado ao título: "O Mõg como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Xokleng/Laklãnõ". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Juliana Salles Machado, a nota final 10,0 do Professor Miguel Angelo Silva da Costa, a nota final 10,0, e da Professora Suzana Cavalheiro de Jesus, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 26 de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *Juliana Salles Machado*

Prof. *Miguel Angelo Silva da Costa*

Prof. *Suzana Cavalheiro de Jesus*

Candidato *Walderes C.P. de Almeida*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmico(a) Walderes Cotá Priprá de Almeida, matrícula n.º111 00118, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O Mög como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Xokleng/Laklãnõ, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 26 de janeiro de 2015.

  
Orientador(a)

## SUMÁRIO

RESUMO .....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
PREFÁCIO .....	8
INTRODUÇÃO .....	10
1. BREVE HISTÓRICO DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG .....	13
2. A ESCOLA VANHECÚ PATTÉ .....	17
3. A HISTÓRIA DO MÕG .....	21
4. O MÕG COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO .....	24
4.1 UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA: O MÕG NA ESCOLA VANHECÚ PATTÉ .....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS : O DIREITO À EDUCAÇÃO DIFERENCIADA .....	43
6. REFERÊNCIAS	
6.1 FONTES ENTREVISTADAS .....	45
6.2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	45

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso irá abordar a problemática da Educação Diferenciada Indígena a partir de um projeto de pesquisa que buscou registrar a história, cultura, língua e tradição do povo Laklãnõ/Xokleng. Esta pesquisa baseou-se na minha experiência como professora na unidade escolar E.I.E.B "Vanhecú Patté" na Terra Indígena Laklãnõ – Ibirama, focando especialmente em uma experiência pedagógica implantada por mim sob o título “O preparo e a história da bebida *Mõg*, bebida tradicional do povo *Xokleng/Laklãnõ*”. Trata-se de uma reflexão sobre como a inserção de um conteúdo cultural específico como o *Mõg* alterou a dinâmica de ensino nesta escola. O tema abordado visa apresentar exemplos práticos de atividades diferenciadas na Escola Indígena. Esse processo, mesmo enfrentando dificuldades, busca resgatar a história, a língua, a cultura e a tradição do povo Laklãnõ/Xokleng.

Palavras chave: bebida *Mõg* – história e cultura Laklãnõ/Xokleng – educação escolar indígena diferenciada

## AGRADECIMENTOS

Sei que para percorrer um caminho sozinho não é fácil, por isso, agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido esse grande momento em minha vida que é chegar ao fim de mais uma conquista.

Agradeço a minha família que muito tem me ajudado e incentivado nos meus estudos, ao meu Paião João Adão de Almeida e minha querida mãe Miriam Vaicá Pripra, pelo apoio e carinho que sempre tiveram comigo. A minha filha Kettly, que talvez hoje não entenda os motivos pela qual saio da sua companhia para ficar alguns dias distante mais sei que no futuro entenderá, amo você minha linda.

Aos meus amigos que aprendi amar profundamente Pr.Jucelino Luciano Veiga e sua esposa Laudelice Gomes Veiga, Lau você tem me ensinado a ser persistente e não desistir dos meus objetivos sou muito grata pelos conselhos que tem me dado.

Aos Anciões Sr.Alfredo Patté, Sr.Edú Priprá, Coctá Clendo, Melissa K. Priprá e Sr. Cangó Ingaclã (*In memória*), sei que cada conversa formal ou informal foi de grande valia para a construção desse trabalho e sem vocês não teria como desenvolver esse trabalho, então espero que nele esteja contido o anseio e desejo de cada um.

Aos meus alunos que sempre estiveram dispostos a novos desafios e se empenharam muito no desenvolvimento das atividades propostas.

Aos amigos que conquistei no decorrer dessa jornada Ariana, Iclícia, Juliette, Mariá e muitos outros que sempre me incentivaram. A todos os professores que de uma forma ou outra sempre estiveram comigo, me incentivando e mostrando caminhos para seguir, sou grata a todos.

E não poderia me esquecer da minha querida professora e orientadora Juliana Salles Machado que muito tem me ajudado e incentivado nas minhas pesquisas. Professora você foi a peça fundamental que acreditou que eu podia e tinha a capacidade para desenvolver este trabalho mesmo nos momentos em

que pensava que não iria conseguir. Obrigada por fazer do aprendizado não um trabalho, mas um contentamento. Por fazer com que me sentisse uma pessoa de valor. Por me ajudar a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazê-lo cada vez melhor. Gostaria de mais coisas escrever, entretanto parece que as palavras fogem, mais fogem tão rápido, parecem efêmeras, vão do Norte para o Sul, da direita para a esquerda. E então dessa forma terei que dizer um adeus, um adeus de um começo e de um fim.

“ Não importa o que as pessoas te dizem, palavras e ideias podem mudar o mundo” (Robin Williams).

## **PREFÁCIO**

Iniciei minha caminhada como professora no ano de 2004. No ano de 2008, com a conclusão do Curso de Licenciatura Português/Espanhol iniciei alguns projetos na Escola Indígena de Ensino Básico *Vanhecú Patté*, porém os resultados não foram os esperados, pois, segundo o diretor da época, o projeto não estava de acordo com o currículo que a escola seguia. Os projetos estavam relacionados a minha cultura Laklãnõ/Xokleng como por exemplo: o projeto confecção, manejo e produção dos artesanatos Laklãnõ/Xokleng; a língua materna Laklãnõ/Xokleng no cotidiano da comunidade; a contação de histórias - mitologia Laklãnõ/Xokleng na qual os anciões da comunidade deveriam ser trazidos para dentro da sala de aula; o preparo e a história da bebida *Mõg*, bebida tradicional do povo *Laklãnõ/Xokleng*; dentre outros, que tinham como propósito trazer a cultura e a tradição do povo mais próximo do aluno.

Em 2009, reestruturei o projeto “O preparo e a história da bebida *Mõg*, bebida tradicional do povo *Xokleng/Laklãnõ*” com o objetivo de resgatar o modo de preparo e a história da bebida *Mõg*. Para aprofundar e viabilizar minha pesquisa, conversei com alguns professores, mostrei o projeto e três deles decidiram apoiar meu trabalho.

Retornamos o projeto ao diretor, que enfim concordou com a ideia. Acordamos então em aplicar o projeto pedagógico nas três turmas do Ensino Médio daquela escola. A princípio, reunimos os alunos, explicamos o projeto e dividimos a turma em quatro equipes, quando começamos a trabalhar na coleta de informações.

Em seguida, convidamos os seguintes anciões Senhor Alfredo Patté, Senhor Cangó Ingaclã (*in memoriam*), Senhor Edú Priprá e Senhora Melissa Korikrã Priprá, para contar a histórias do povo aos alunos e falar como era feita a produção da bebida *Mõg*, em qual momento e outras informações importantes sobre o tema. A partir desta proposta de trabalho na Escola, o *Mõg* passou a fazer parte das festas e comemorações da comunidade, surtindo assim efeito tanto na unidade escolar, quanto na Aldeia Bugio.

Os alunos que participaram do projeto passaram a dar mais importância aos aspectos tradicionais e culturais e, segundo seus relatos, esta atividade vem mudando sua visão do “ser índio”, antes visto como algo vergonhoso, hoje como orgulho de ser quem é. Outro aspecto relevante, é que a proposta abriu as portas para a comunidade participar efetivamente dos trabalhos escolares.

Em 2010 abriram as inscrições para a seleção da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina. Fiz o vestibular e com grande alegria, recebi o resultado da aprovação. Desde o início do curso foquei em uma formação que discutisse a Educação Escolar Indígena efetivamente diferenciada e o curso me ajudou a abrir novas portas, possibilitando também que outros professores indígenas aprendessem a trabalhar respeitando os aspectos culturais da nossa comunidade.

Quando fui informada que deveria apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso decidi registrar esta experiência, intitulando-a: “O *Mõg* como instrumento pedagógico na Educação Escolar Indígena: uma experiência Laklãnõ /Xokleng”.

## INTRODUÇÃO

O povo Laklãnõ/Xokleng antes do contato com o não índio habitava o vale e as encostas do sul do Brasil e mantinha viva a sua cultura e sua tradição sem se preocupar com o espaço natural que tinham, pois, tudo que precisavam a natureza lhes dava para sobreviver. Atualmente o povo vive no vale do Itajaí entre os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meirelles e Itaiópolis- SC.

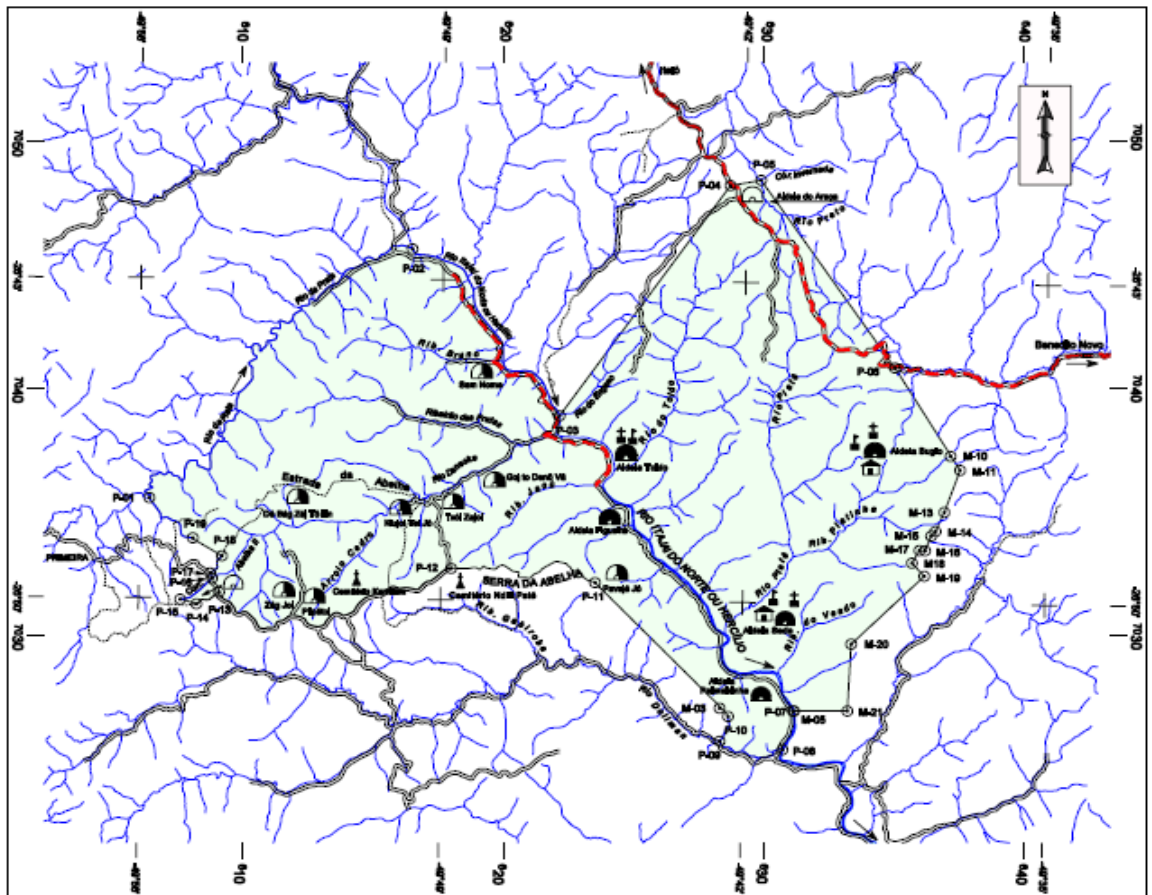


Fig. 1: Mapa da Terra Indígena Laklãnõ, Ibirama. Fonte: FUNAI.

principal instrumento na busca de resgatar e registrar a memória do povo, trazendo para a sala de aula os anciões que possuem a sabedoria de nossos ancestrais. No entanto, ela ainda enfrenta muitos obstáculos para se tornar uma escola diferenciada *de fato*, como está

garantido na constituição federal de 1988. Isso ocorre, pois a escola não possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) específico para a própria realidade Indígena e se fundamenta em um PPP de uma escola não indígena.

O principal motivo que me levou a registrar essa experiência foi ver o despertar da comunidade escolar em aprender um pouco mais da cultura do povo Laklãnõ/Xokleng, registrar o desempenho dos anciões em transmitir seus conhecimentos. Ao longo da realização desta proposta, eles demonstraram sua percepção de que a geração nova tem desvalorizado a língua, a cultura e tradição do nosso povo, por vários fatores que vieram a influenciá-la. Dentre esses fatores, podemos destacar principalmente o contato com a comunidade não indígena, o chamado momento da “pacificação”<sup>1</sup> assim realçada por alguns pesquisadores.

Atualmente este momento é reconhecido pelos professores e acadêmicos indígenas como *silenciamento* ou como *contato*. Então, desde o primeiro contato, vários fatores contribuíram para a substituição de padrões tradicionais por outros próprios da sociedade não indígena, reduzindo bastante cultura Laklãnõ/Xokleng.

Hoje, a grande maioria dos jovens fala somente o português. Isso se deve ao aumento de casamentos com não indígenas; às inúmeras rupturas sociais, políticas, econômicas e culturais e à presença de escolas para indígenas com a mesma grade curricular das demais escolas públicas, que não estimulam e não consideram as particularidades culturais desse povo. Outro fator que contribuiu para esta significativa transformação da cultura foi a entrada das igrejas católicas e evangélicas, que fez com que os indígenas se esquecessem dos saberes e fazeres tradicionais.

A partir da década de 1990, houve um grande despertar por parte da comunidade para o resgate da língua e cultura indígena Laklãnõ/Xokleng. Pois, a comunidade percebeu a importância de conhecer seu idioma, sua cultura e a sua tradição; ou seja, as pessoas sentem a necessidade de *pró-vitalizar*<sup>2</sup> a cultura, pois sabem que é necessário repassar os conhecimentos para os

---

<sup>1</sup> O termo “pacificação” é usado para se referir ao momento iniciado em 1914 quando o povo Laklãnõ/Xokleng teve o contato definitivo com o não indígena, passando a morar na Posto indígena Duque de Caxias em Ibirama, administrada pelo SPI.

<sup>2</sup> Pró-vitalizar é um termo que vem sendo pelos acadêmicos e professores indígenas como forma expressar o movimento atual de resgate de alguma coisa (no caso nossa cultura e nossas tradições) que estava parada, adormecida, porém não morta, como porventura o termo revitalizar poderia implicar.

jovens, para que não venha haver futuramente a extinção da identidade cultural do povo Laklãnõ/Xokleng.

Conforme mencionado anteriormente a Escola Indígena de Ensino Básico “Vanhecú Patté” não possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) e com isso enfrenta desafios para se tornar uma escola de educação diferenciada que trabalhe a cultura, a tradição e a língua materna do povo Laklãnõ/Xokleng, mesmo sendo amparada pela constituição Federal de 1988 que “dá o direito de uma educação com base na cultura” (ENCINA, 2013, p.85).

O trabalho aqui apresentado trata de uma experiência pedagógica implementada por mim como professora da escola “Vanhecú Patté”. Trata-se de uma reflexão sobre como a inserção de um conteúdo cultural específico, como o *Mõg* alterou a dinâmica de ensino nesta escola. O tema abordado visa apresentar exemplos práticos de atividades diferenciadas na Escola Indígena. Esse processo, mesmo enfrentando dificuldades, busca resgatar a história, a língua, a cultura e a tradição do povo Laklãnõ/Xokleng.

## **1. BREVE HISTÓRICO DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG**



Fig. 2 - Mapa da região Sul. Adaptado do mapa do livro: SANTOS. S. C. dos Índios e Brancos, p.36.

Durante muitos anos o povo Laklãnõ /Xokleng habitava o vale, nas encostas das montanhas e no planalto do sul do país (Fig.2). Sobreviviam da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres e mantinham viva sua língua, cultura e tradição. Com a chegada da chamada “pacificação” tudo mudou (Santos 1973; Wittman 2012), o que foi visto como sonho acabou virando pesadelo, pois além de serem massacrados foram obrigados a falar outra língua e proibidos de realizar cerimônias de casamento e de perfuração de lábios (ver Fig. 3), suas rezas, danças e rituais. Com o passar dos tempos isso foi esquecido na prática, mas manteve-se na memória (ver Fig. 4), sendo passado oralmente de geração a geração.

Atualmente os índios Laklãnõ/Xokleng habitam no vale do Itajaí na Terra Indígena Laklãnõ, cercada por quatro municípios (José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Merelles e Itaíópolis). A Terra Indígena é dividida em oito Aldeias, sendo elas, Aldeia Sede, Aldeia Bugiu, Aldeia Figueira, Aldeia Toldo, Aldeia Coqueiro, Aldeia Palmeira, Aldeia Pavão e Aldeia Barragem. Cada Aldeia tem seu modo de organização, nosso povo sobrevive da pequena agricultura, alguns são funcionários públicos estaduais e federais, e outros trabalham com colonos por dia em plantações de fumo, ou ainda em frigoríficos no município vizinho.



Fig. 3- Última festa tradicional realizada para a perfuração de lábios dos meninos. Detalhe para o Kakej, madeira ao centro onde era feita a bebida tradicional, o *Mõg*. Foto: de Jules Henry, 1933. (Acervo: Arquivo Publico de Rio do Sul).



Fig. 4- Festa do dia do índio realizada na escola Vanhecú Patté como parte de meu projeto pedagógico, representando uma cerimônia tradicional de casamento Laklãnõ/Xokleng. Foto: Walderes C.P de Almeida. 2011

Hoje o povo luta para sobreviver em meio a tantas dificuldades socioeconômicas e relacionadas à infraestrutura. Também sofrem com a construção da Barragem Norte dentro da TI (Fig. 5), que foi construída para conter as enchentes das cidades do Alto e Médio Vale do Itajaí, mas quem sofre nos períodos de chuvas são os indígenas, que com as cheias tem suas Aldeias inundadas. Neste ano em agosto de 2014 os indígenas se mobilizaram em um grande manifesto em cima da barragem pedindo que o governo e os órgãos responsáveis pela barragem dêem uma solução para os alagamentos nas áreas afetadas pelas cheias (Fig. 6), mas, até o momento ainda não foram atendidos.



Fig. 5 - Barragem Norte na época da seca, ver detalhe de localização da igreja à esquerda. Sc:fotos:www.riodoeste.sc.gov.br/comdec/?id=capa/bar&ul=6



Fig. 6- Enchente Barragem Norte, ver detalhe da localização da igreja à esquerda. Fotos: Carla Anglo Caxias Popó. 2014

## 2. A ESCOLA INDÍGENA DE EDUCAÇÃO BÁSICA VANHECÚ PATTÉ



Fig: 7- E.I.E.B "Vanhecú Patté" em prédio provisório após incêndio: Fotos: Juliana Machado. 2013



Fig: 8- E.I.E.B "Vanhecú Patté" com início da reforma para o novo prédio: Fotos: Simeão K Priprá. 2014

A Escola Indígena de Ensino Básico "Vanhecú Patté" (Fig. 7 e 8) está localizada na Terra Indígena Laklãnõ, Aldeia Bugio, Município de José Boiteux, Santa Catarina (ver Fig.1). Foi criada na década de 1980 quando a comunidade enfrentou alguns obstáculos pois, não havia um local específico para sua implantação e nem um professor para ministrar as aulas. A comunidade se reuniu para decidir o que fazer, pois os alunos não podiam ficar sem aula. Foi nesse momento que o senhor Vanhecú Patté, membro da comunidade, decidiu doar sua casa para se tornar uma sala de aula. Nessa mesma ocasião o senhor Olímpio Nunc-foonro Severino da Silva se dispôs a ser professor voluntário, pois na época nessa localidade, era o único com um grau mais elevado nos estudos. Trabalhou por 6 meses sem remuneração e ainda comprava materiais para manter os 22 alunos indígenas.

No final do ano de 1983/84 a FUNAI, vendo a necessidade da comunidade, assumiu o compromisso com a educação e com a saúde e contratou um professor e dois enfermeiros para trabalharem na Aldeia. A escola então passa a ter outro prédio com uma sala mais ampla, com carteiras e cadeiras, uma cozinha e um banheiro. Toda essa estrutura era de madeira e foi construída pela comunidade levando o nome de Vanhecú Patté em homenagem ao srº Vanhecú Patté. Neste momento a escola era isolada, a turma era multisseriada de 1ª a 4ª série e tinha um professor regente e um professor da língua materna Laklãnõ/Xokleng. Os alunos que concluíam a 4ª série tinham que estudar nos municípios vizinhos.

Na década de 90 a escola passa a ser municipalizada e o número de alunos aumentou e assim, com um número grande de alunos, foi preciso aumentar a sala de aula. Então foi construído outro prédio de alvenaria com uma sala grande, uma cozinha, dois banheiros e um refeitório. No ano de 1997 a escola passa a ser estadual e continua sendo multisseriada. No ano de 2001, os alunos que estudavam fora da TI sofreram uma série de agressões verbais e físicas de teor racista de alunos não-indígenas, essas agressões se davam num contexto relacionado à questões de terras no colégio onde estudavam na cidade de Dr.Pedrinho. A comunidade indígena revoltada com a situação não permitiu que os alunos retornassem a esse colégio (E.B Frei Lucinio Korte). Com este episódio começa o movimento para implantar na escola indígena o

ensino fundamental - anos finais. Muitos não entendiam o motivo pelo qual os indígenas queriam uma escola na Aldeia, conforme o exemplo citado abaixo:

”conhecer os motivos que levam uma comunidade indígena a empreender lutas para manter suas crianças na instituição escolar. Um fato, ocorrido no ano de 2001, mais precisamente no 4º bimestre, qual seja, o deslocamento de crianças indígenas de uma Escola situada no centro do município de Doutor Pedrinho-SC para uma escola na própria área indígena, esta sem as mínimas condições de acolhimento dessas crianças, fez surgir as perguntas postas como ponto de partida deste trabalho: por que é tão importante para este povo que as crianças se mantenham na escola? Qual o sentido de escola para o povo Xokleng?” (BARUFFI, Mônica Maria, 2005,p.06)

Hoje depois de muitas lutas, as lideranças em conjunto com o corpo docente da escola, conseguiram o sonho tão almejado de tornar a Escola “Vanhecú Patté” um escola de educação Básica. No ano letivo de 2014, constam cento e dez (110) alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio. A escola atualmente possui dezoito (18) professores, um (01) secretário e um (01) diretor. O Projeto Político Pedagógico (PPP) está em processo de construção.

Abaixo um quadro com informações adicionais sobre a escola (Fig. 9):

ANO	MODALIDADE DE ENSINO	QUADRO DE PROFESSORES	QUADRO DE ALUNOS	OBSERVAÇÕES
1980-1990	multiseriada anos iniciais (1ª a 4ª série)	01	aproximadamente 41 alunos	nesse período o professor foi contratado pela FUNAI.
1991-2000	multiseriada anos iniciais (1ª a 4ª série)	2	41 a 50 alunos	Em meados de 1993 a escola passa a ser municipalizada e, em meados de 1997 a escola passa a ser estadual.
2001-2014	multiseriada anos iniciais (1ª a 4ª série)	2	aproximadamente 32	
	5ª a 8ª série anos finais ensino fundamental	2	41 alunos (2001)	a escola passou a ser extensão da escola Profª João Bonelli (ensino fundamental e médio).
		6	51 alunos	Em 2001, mais precisamente no 4º bimestre do ano letivo os alunos foram removido de uma outra escola para dentro da aldeia, começa novamente a luta por uma escola diferenciada dentro da TI
	1ª a 3ª série ensino médio	8	11 alunos	O ensino médio era extensão da Profª João Bonelli, mais tarde extensão do colégio José Clemente Pereira no município de José Boiteux, (2002 a 2008)
		15	23 alunos	Em 2009 começa a luta por uma escola de Educação Básica.
	18	110 alunos	Em 2014 conquistamos uma escola de educação Básica.	

9. Tabela com dados complementares da Escola Vanhecú Patté.

### 3. A HISTÓRIA DO MÕG

Segundo relatos dos nossos anciões, o povo Laklãnõ/Xokleng era dividido em pequenos grupos, de 50 a 100 pessoas. Para poderem se manter os grupos seguiam caminhos diferentes e em determinados tempos os grupos se encontravam. Esses encontros eram marcados com grandes festas, nas quais não podia faltar o *Mõg*, uma bebida típica fermentada (Fig.10). Cada grupo durante as caminhadas que fazia parava para fazer festas ou comemorar alguma coisa. Para a realização dessas festas eram feitas varias comidas tradicionais, dentre elas uma bebida típica chamada de *Mõg*.

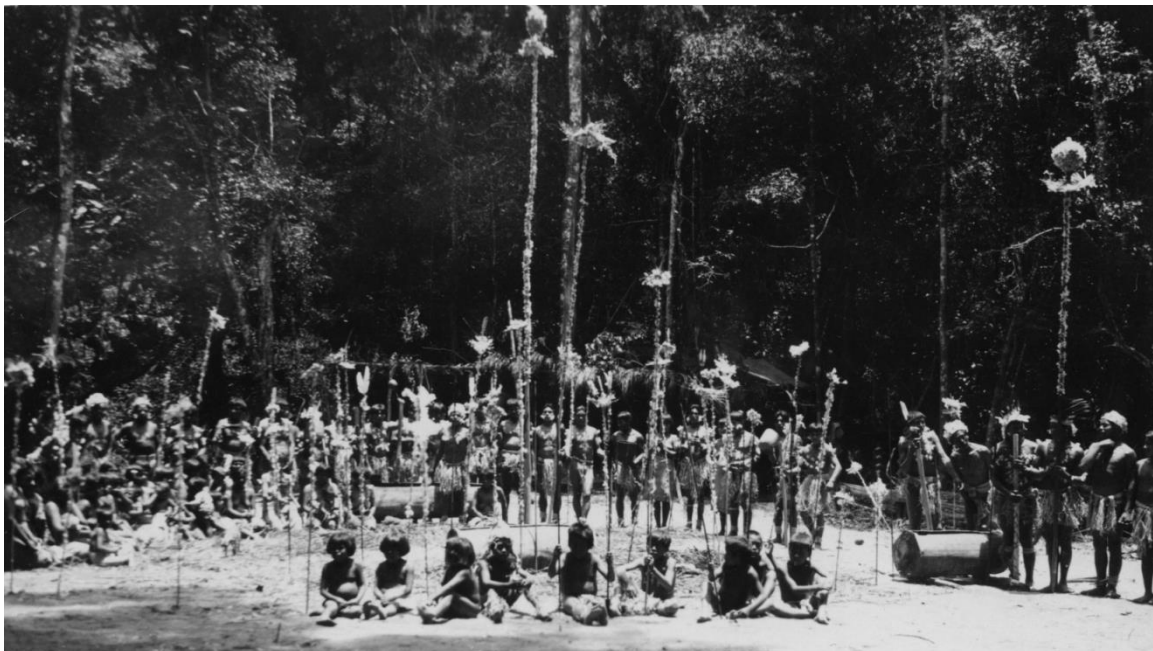


Fig.10 - Última festa tradicional realizada para a perfuração de lábios dos meninos. Detalhe para o Kakej, madeira ao centro onde era feito a bebida tradicional, o *Mõg*.

Foto: de Jules Henry, 1933. (Acervo: Arquivo Publico de Rio do Sul).

Cada grupo se organizava de acordo com suas necessidades. Dentre sua forma de organização também produziam a bebida de diferentes formas. Alguns costumavam mascar o pinhão, trabalho feito pelas mulheres; outros mascavam o miolo do palmito, trabalho também feito pelas mulheres; enquanto outros usavam socar ou moer o miolo do xaxim. Este último que será abordado nesse trabalho de conclusão de curso. Esta bebida era feita pelo

ancião da comunidade treinado/ensinado pelo *kujá*<sup>3</sup>, o ancião era responsável por transmitir esses conhecimentos (Fig. 11).



Figura 11. Kujá Kamlém. Fonte: Fundação Cultural Blumenau, Coleção E. Hoerhan. Data aproximada 1930.

Esta bebida era feita pelo ancião da comunidade que sempre tinha ao seu lado alguns jovens que o observavam, pois era dessa forma que eram passados os conhecimentos. Há vários ingredientes para a produção dessa bebida, mas, nem todas serão apresentadas a pedido dos anciões da minha comunidade. Os principais ingredientes para sua produção são mel e xaxim, assim como a pedra-ferro e outros elementos importantes na fermentação.

O mel utilizado na bebida era colhido durante as caçadas, já às pedras ferro eram coletadas num ribeirão ou no rio e servia para ferver a bebida, sendo trocada de quinze em quinze minutos ou de meia em meia hora. O xaxim era colhido horas antes para ser moído. Todos os ingredientes eram postos dentro do *kakéj*<sup>4</sup> e coberto por água (ver Fig. 13). Nas festas somente os homens e mulheres bebiam, mas, no caso das mulheres, elas eram proibidas de ficarem bêbadas (*tomadas*). As crianças não podiam beber e,

---

<sup>3</sup> O *Kujá* é o líder do grupo, que mantinha contato com os espíritos da natureza. Era ele que continha toda a sabedoria do povo e a ensinava aos demais da comunidade. O último *Kujá* era conhecido como Kamlém.

<sup>4</sup> *Kakéj* é um tronco de uma madeira cavada por dentro e não é qualquer madeira é uma em especial escolhida para esta atividade.

entre os jovens, somente aqueles que provassem ser caçadores, guerreiros, que soubessem sobreviver na mata, longe da sua família. Nessas festas ou cerimônias também era feito o *Ãgglag*<sup>5</sup> (ver Fig.4 que ilustra o *Ãgglag* sendo realizado no cerimônio de casamento).

Já no caso das cerimônias de perfuração de lábios (ver Fig.3) o *Mõg* era dado para as crianças, pois tinha um efeito anestésico e analgésico para a criança não sentir dor, nesse caso ele também agia como um anti-inflamatório. Hoje essa bebida é feita somente para amostra nas festas do dia do índio e no dia 22 de setembro, dia do *contato*<sup>6</sup> do povo Laklãnõ/Xokleng.

O tempo que a bebida leva para ficar pronta depende do tipo do mel, variando entre 6 (seis) a 15 (quinze) dias. Segundo todos os relatos dos entrevistados tudo que o índio precisava ele pedia para a natureza como uma forma de respeito, pois para ele tudo tinha espírito, e ele não podia provocar os espíritos da natureza.

Neste ano a partir das disciplinas de estágio docência III e IV, aproveitando o momento e como forma de incentivo aos alunos, refiz novamente o projeto da produção do *Mõg* na escola Vanhecú Patté, o qual apliquei entre os alunos da 1ª série do ensino médio, com o apoio dos anciões da comunidade.

---

<sup>5</sup> *Ãgglag* é uma dança tradicional do povo Laklãnõ/Xokleng.

<sup>6</sup> O termo “contato” é usado pelos acadêmicos indígenas para se referir ao momento em que o povo Laklãnõ/Xokleng fez o contato com o não indígena no ano de 1914.

#### 4. O MÕG COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO



Fig. 12 - Coleta do xaxim realizado pelos alunos do ensino médio para a preparação do *Mõg* que antecedeu a festa do dia do índio realizada na escola Vanhecú Patté na aldeia Bugio. Foto: Walderes C.P de Almeida. 2011



Fig. 13 – *Kakéj* (suporte de madeira cavado indicado acima) com *Mõg* (bebida tradicional a base de mel e xaxim) em seu interior, durante a festa do dia do índio na escola Vanhecú Patté, Aldeia Bugio. Foto: Walderes C.P de Almeida. 2011

A primeira realização deste projeto foi no ano de 2009 na escola Vanhecú Patté e tinha como objetivo a inserção de elementos da cultura que pudessem atender às necessidades da comunidade que na época estava lutando por uma educação diferenciada com base na cultura do povo Laklãnõ/Xokleng.

A escola na época seguia o currículo de uma escola do estado de Santa Catarina e não possuía uma matriz curricular específica do povo. Com a realização desse projeto "A produção do *Mõg* na escola" com a turma do ensino médio, a comunidade percebeu que havia a possibilidade de trabalhar de uma forma diferente onde a própria comunidade poderia participar mais efetivamente do ensino das crianças. Assim começou a luta para contratar professores específicos como coordenadores da cultura, que buscassem, através de projetos com os professores, a ressignificação ou reativação da língua, costumes e tradições do povo. Este projeto teve duração de dois bimestres, no primeiro, com o apoio de três professores e cinco disciplinas, sendo elas antropologia, matemática, língua portuguesa, língua materna Laklãnõ /Xokleng e artes. Quando os outros professores viram que havia possibilidade de trabalhar daquela maneira se uniram e pediram para serem incluídos no projeto, dessa forma desenvolvemos um ótimo trabalho.

Depois de muitas lutas a comunidade conseguiu que a secretaria do estado de Santa Catarina contratasse os professores e coordenadores da cultura e isso ajudou no desenvolvimento da educação indígena. Neste ano de 2014, com a preparação de um simpósio sobre o tema do contato na época do centenário Laklãnõ/Xokleng, essa mudança ficou bem visível, pois, toda a comunidade, alunos e professores participaram desse momento muito importante, não só para a comunidade da Aldeia Bugio, mas para toda a T.I Laklãnõ.

Esse foi um grande momento para mim como professora, pois pude perceber que minha luta por uma escola diferenciada é possível. Trazer para sala de aula a forma de preparação da bebida típica chamada de *Mõg* como um instrumento de ensino foi fundamental para trabalharmos outros aspectos da cultura como a produção do artesanato em geral, a coleta de dados e a produção dos remédios tradicionais e também das comidas típicas do povo

Laklãnõ/Xokleng, tudo conciliando as disciplinas exigidas pela secretaria de educação. Percebe-se assim que os professores indígenas têm que estar preparados para mostrar os dois mundos aos alunos e a comunidade: o mundo indígena cheio de desafios e o mundo do não índio.

Segundo alguns membros da comunidade que foram entrevistados essa “nova forma de ensinar” tem ajudado muito para o resgate da nossa cultura, isso pode ser visto na fala de uma mãe da escola que diz:

“meu filho não queria mais ir pra escola porque eles só ficavam na sala de aula, agora não, ele mesmo busca os materiais para fazer colar, flecha aquelas tangas que os nossos usavam. Vi meu filho bem diferente depois que os professores começaram tirar eles da sala e trabalhar nossa cultura. É muito bom, até eu to participando”. ( J da S. 35 anos)

Na entrevista com uma das anciãs ela diz:

“é bom que vocês ensinam nossos filhos a se interessar pela nossa cultura porque não vo tá aqui pra sempre, mas enquanto to aqui vo ajudar vocês sempre” (Coctá Clendo. 67 anos).

#### 4.1 UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA: O MÕG NA ESCOLA VANHECÚ PATTÉ

Neste capítulo pretendo apresentar como o projeto foi desenvolvido na escola Vanhecú Patté através do dia-a-dia na sala de aula. Conforme mencionei anteriormente, este trabalho teve por objetivo mostrar a inserção de um elemento da cultura Laklãnõ/Xokleng no processo de ensino e aprendizagem na Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Vanhecú Patté, localizada na Aldeia Bugio, Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, Santa Catarina. Para atender as necessidades desta comunidade indígena no tocante a uma educação diferenciada, buscou-se, a partir das disciplinas de Estágio Docência III e IV, construir um planejamento de atividades para ser aplicado com os alunos do 1º ano do Ensino Médio da referida escola, tendo como tema a história do *Mõg* e sua importância para a cultura do Povo Laklãnõ/Xokleng.

**Tema:** A história do *Mõg* e a importância dessa bebida para o povo Laklãnõ/Xokleng

**Título:** *Mõg* e a tradição Xokleng/Laklãnõ

**Objetivo geral:** Trabalhar a história do *mõg* com os alunos do 1ª ano do E.M

**Objetivos específicos:** Registrar a história através de entrevistas; identificar os locais onde esses ingredientes eram encontrados; formular textos.

**Metodologia:**

- Saída de estudo – entrevista com os anciões da comunidade;
- Coleta da matéria prima para a produção do *Mõg* na escola;
- Sistematização dos dados da entrevista com produção de pequenos textos crítico reflexivos.

**Justificativa:**

Hoje alguns professores fazem o planejamento juntos e estes trabalham com pequenos projetos que envolvem a língua, cultura e a tradição do povo Xokleng/Laklãnõ, nesses projetos toda a comunidade é convidada a participar,

principalmente os anciões da comunidade que fazem a contação de histórias, nesses dias toda a equipe de professores é envolvida e os alunos também.

A turma com a qual estagiei foi a turma da 1ª série do ensino médio que tem 12 alunos. O tema abordado foi o *Mõg*, a bebida típica do povo Xokleng/Laklãnõ. Uma bebida que há muito tempo vinha sendo esquecida pela comunidade, mas, que devido a realização deste projeto voltou a ser produzida novamente. Esta experiência mostrou para os alunos que não se trata somente de produzir a bebida típica nos momentos de festividades, mas sim de conhecer a história do porque era feita essa bebida, qual era (ou é) o seu valor para a comunidade do passado e do presente.

### **- planos de aula**

#### **Plano 1.**

**Tema:** O *Mõg* nas cerimônias tradicionais do povo Xokleng/ Laklãnõ.

#### **Objetivos do dia:**

- Fazer uma breve introdução relacionado a história do povo Laklãnõ/Xokleng;
- Conhecer qual a importância da bebida *Mõg* nas cerimônias realizadas;
- Saber quem preparava o *Mõg*, quem participava e como era a organização do povo em questão.

#### **Desenvolvimento das atividades:**

- Acolhimento e apresentação do projeto;
- O modo de organização do povo Laklãnõ/Xokleng no passado e do presente – texto – **Organização social e atual** - extraído do site: [pib.socioambiental.org/pt/povo/Xokleng/978](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Xokleng/978)
- Contação de História - O *Mõg* nas cerimônias tradicionais do povo Laklãnõ/Xokleng e nos festejos comemorativos.

→ Produção de textos críticos reflexivos, produção de cartazes e histórias em quadrinhos:

### **Materiais necessários:**

Papel A4, lápis de cor, pincel atômico, cartolina e régua.

### **Aulas previstas: 5**

### **Relatório do dia:**

Neste dia entrei na sala de aula fiz chamada e apresentei o projeto aos alunos. Conversei com eles mostrando como seria o desenvolvimento desse projeto no decorrer da semana. Pedi a cada um que apoiasse o projeto e colaborassem para que este fosse um sucesso. Todos concordaram e ficaram ansiosos para fazer o *Mõg*.

Então, iniciei entregando a cada um o texto “Organização social e atual do povo Laklãnõ/Xokleng extraído do site [pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/978](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/978), para fazermos uma análise. Após a contação da história do nosso povo fizemos a leitura, nesse momento o Ancião Alfredo Congó Patté que ia fazer a contação chegou. Conversei com ele como seria a dinâmica e então iniciou a contação. Durante a contação muitas dúvidas surgiram, tais como: porque foram criadas as Aldeias? Qual o motivo que levou a dispersão do povo? Porque o povo deixou de realizar as cerimônias tradicionais? Porque nossa bebida deixou de ser feita? Dentre outras questões. O Ancião fez o possível para responde-las. A contação levou cerca de 1h e 15min. Nos minutos que ainda nos restavam, dividi a turma em três equipes, a 1ª teria que produzir textos críticos reflexivos, a 2ª teria que produzir cartazes e a 3ª teria que montar uma história em quadrinhos, todas baseadas no texto lido e a partir da contação da história do povo. Como ficou acordado com a turma no início da aula todos os trabalhos seriam apresentados no último dia da aula de estágio.



Fig 13 - Alunos da escola Vanhecú Patté produzindo textos críticos reflexivos sobre o texto “Organização Social Passado e presente do Povo Laklãñõ” e a contação de história de nosso ancião. Foto: Walderes C.P de Almeida.2014.



Fig. 14 - - Alunos da escola Vanhecú Patté produzindo cartazes sobre o texto “Organização Social Passado e presente do Povo Laklãñõ” e a contação de história de nosso ancião. Foto: Walderes C.P de Almeida.2014.



Fig. 15 - - Alunos da escola Vanhecú Patté produzindo história em quadrinhos sobre o texto “Organização Social Passado e presente do Povo Laklãnõ” e a contação de história de nosso ancião. Foto: Walderes C.P de Almeida.2014.

## **Plano 2.**

### **Tema: Cartografia - construindo mapas**

#### **Objetivos do dia:**

→ Conhecer o processo de transformação do território do povo Xokleng/ Laklãnõ.

#### **Desenvolvimento das atividades:**

→ Os Laklãnõ/Xokleng – Cultura e ocupação do território – dissertação: Edna E. Viera, 2004 “Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng”.

→ Analisar o mapa atual do Brasil, Sta. Catarina e da T.I Laklãnõ.

→ produção de mapas da T.I Laklãnõ e da aldeia Bugio, Maquete – rota de caça, coleta de frutos e mel e silvestres, locais para coleta da matéria prima para a confecção de artesanatos, artefatos e da bebida típica **Mõg** e locais de festas.

→ finalização dos trabalhos - produção de mapas e Maquete

**Materiais necessários:** Mapas, cartolinas, tinta guache, papel A4, lápis de cor, pincel atômico e régua.

**Aulas previstas:** 5 aulas de 40min

**Relatório do dia:**

Neste dia foi interessante. Cheguei na sala com vários mapas, entre eles o mapa Mundi, o mapa do Brasil, o mapa do estado de Santa Catarina, o mapa do município de José Boiteux, o mapa da T.I dos 14 mil hectares e o mapa dos 37 mil hectares e um mapa do território histórico do povo Laklãnõ/Xokkleng e também um mapa da Aldeia Bugio. Observei que todos começaram a pegar os mapas tentando achar algum lugar que os interessava. Pensei que seria fácil desenvolver este plano hoje. Iniciei fazendo a chamada, depois perguntei aos alunos o que eles entendiam por cultura e ocupação territorial. Eles me disseram “Professora o que isso tem haver com a produção do *Mõg?*”. Disse a eles que tinha tudo haver e que no decorrer da aula eles entenderiam. Entreguei a eles um texto que tratava desse assunto. Lemos e discutimos o assunto do território e da territorialidade do povo no espaço brasileiro. Nesse momento eles lembraram da história contada pelo ancião no dia anterior, no qual ele falava dos locais aonde os índios Laklãnõ caminhavam. Então fomos para os mapas. Comecei falando na latitude tal e longitude tal está a aldeia tal. Enquanto fui falando e explicando fui olhando e apontando as coordenadas no mapa. Olhei para turma e percebi que ninguém entendia o que eu estava falando. Perguntei se todos sabiam o que era longitude, latitude, meridiano e paralelo, me disseram que o professor de geografia tinha explicado, mas eles não tinham entendido. Para que os alunos pudessem compreender e produzir mapas eu teria que mudar meu plano do dia seguinte. Fiz o fechamento da aula pedi que eles fizessem a leitura do texto novamente em casa e relembassem da história relatada pelo senhor Alfredo porque no dia seguinte nós iríamos trabalhar na produção de mapas. Assim dei a aula por encerrado.

**Plano 3**

**Tema:** Latitude e Longitude

**Objetivos do dia:**

- Compreender o conceito de meridiano e latitude;

- Identificar os principais paralelos;
- Compreender e aplicar os conceitos de latitude e longitude;
- Identificar qualquer ponto, quanto sua localização sobre a superfície terrestre em relação as suas coordenadas geográficas;
- Compreender a função das coordenadas geográficas.
- Desenvolver nos alunos uma forma melhor de se orientarem no espaço geográfico da terra indígena.

**Conteúdo:**

- Cartografia: construindo mapas.

**Desenvolvimento das atividades:**

- Leitura do textos extraídos do livro de geografia: “Cartografia: construindo mapas”;
- Paralelos e Meridianos
- Exercício oral e escrito e continuação da construção de mapas da T.I e da Aldeia Bugio proposto no dia anterior.

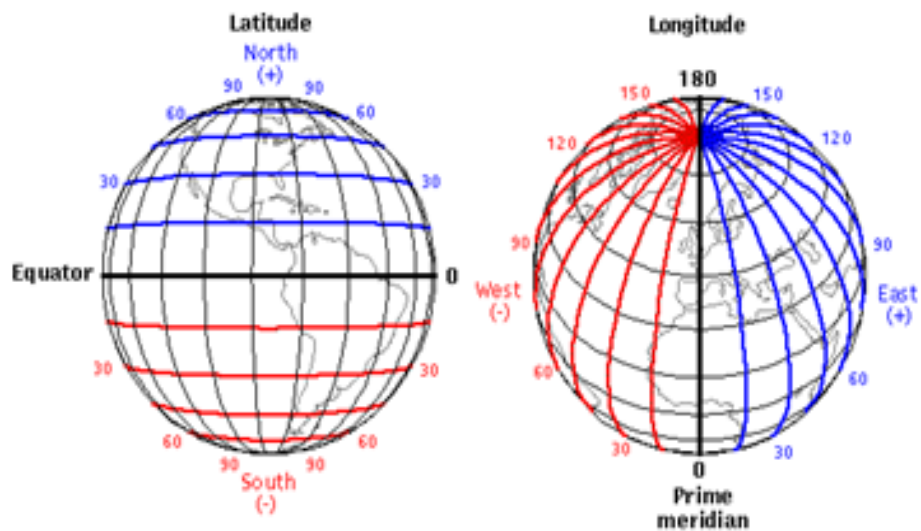
**Materiais necessários:**

Xerox dos exercícios, Mapas, cartolinas, tinta guache, papel A4, lápis de cor, pincel atômico e régua.

**Aula prevista:** 5 aulas de 40min

**Relatório do dia:**

Neste dia levei para a sala vários textos que tratavam com detalhe o assunto de cartografia e nossos amiguinhos, os mapas. Expliquei com muitos detalhes inclusive desenhando no quadro. Usei também a internet para nos auxiliar no decorrer da aula.



Assim que os alunos entenderam o assunto, passamos para um exercício. Depois, começamos a construir os mapas. E no final da aula recebi uma notícia muito ruim meu tio, Livai Priprá, havia falecido. Mas como ainda faltavam dois dias de estágio a direção decidiu deixar esses dois dias para a semana seguinte. Então combinei com os alunos que eles viriam na segunda no período vespertino, pois seria o dia em que nós iríamos fazer a nossa bebida tradicional.



Fig.15 - Alunos da 1ª serie do EM na aula de cartografia. fotos: Walderes C.P de Almeida.201



Fig.16-Alunos da 1ª serie do EM na aula de cartografia. fotos: Walderes C.P de Almeida.2014



Fig.17- Alunos da 1ª serie do EM na aula de cartografia. fotos: Walderes C.P de Almeida.2014

#### **Plano 4.**

**Tema:** Produção do *Mõg* bebida típica Laklãnõ/Xokleng

#### **Objetivos do dia:**

→ Conhecer os locais de coleta da matéria prima para a produção da bebida típica

#### **Desenvolvimento das atividades:**

→ 13:00h Saída de estudo para a coleta da matéria prima para a produção bebida típica Laklãnõ/Xokleng ***Mõg*** ;

- 15:00hs – Lanche;
- 15:15hs - Preparação da bebida;
- 17:00hs – Encerramento.

**Materiais necessários:**

- Roupa adequada para caminhar na mata.

**Aula prevista:**

- Período vespertino 5 aulas

**Relatório do dia:**

A segunda-feira amanheceu meio chuvosa, pensei que os alunos não viriam a escola. Quando cheguei no horário combinado, para minha surpresa lá estavam eles à minha espera, muito ansiosos com as ferramentas em punho, prontos para descermos ao local combinado. Para este dia, mais que especial, levei carne e pão para o lanche e muito mel. O mel iria servir para fazermos a bebida e também serviria para fazer suco natural.

Os alunos me ajudaram e os professores e membros da comunidade que também se dispuseram em nos ajudar estavam ansiosos. Chegando no local conversei com os alunos expondo para eles qual a importância do *Mõg* para nosso povo. Quais os locais e quem eram os responsáveis pela produção dessa bebida, além de onde os ingredientes eram encontrados. Foi muito bom esse momento pois, pude mostrar na prática um pouco da nossa história.

Dividi o grupo em três equipes: a primeira seria responsável em preparar o lanche para a turma, a segunda seria em coletar o xaxim para retirar o miolo e a terceira responsável em encontrar a madeira e fazer o *kakéj*.



Fig.18- Alunos da 1ª serie do EM. Preparo do lanche . Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014



Fig.19-Alunos da 1ª serie do EM. Preparo do kakéj . Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014



Fig.20- Alunos da 1ª serie do EM. Miolo do xaxim. Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014

O trabalho foi cansativo, mas bem produtivo. Todos ficaram maravilhados com o resultado alcançado. No momento em que começamos a fazer a bebida pude ver nos olhares a alegria de cada um por participar desse momento.



Fig.21- Alunos da 1ª série do EM. O Mõg em processo de produção, incluindo já o miolo do xaxim e o mel no Kakéj. Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014

## **PLANO 5**

### **Tema: Apresentação dos trabalhos**

#### **Objetivo do dia**

Problematizar a questão da cultura através da bebida *Mõg* como forma de ensino na escola.

#### **Desenvolvimento das atividades:**

- Preparação e finalização dos trabalhos;
- Apresentação de todos os trabalhos desenvolvidos durante o período do projeto;
- Leitura de textos reflexivos sobre o tema geral: a história do mõg e a importância dessa bebida para povo Xokleng;
- Apresentação do video produzido;

**Materiais necessários:**

Papel A4, lápis de cor, pincel atômico, cartolina e régua.

**Relatório do dia:**

Ao entrar na sala muitos foram os comentários sobre a aula anterior, a produção do *Mõg*. Muitos queriam saber se eles teriam outras aulas que tivessem a mesma dinâmica. Conversei com eles que tudo é um processo e também depende muito do empenho deles e do professor. Perguntei se eles observavam como era e como estavam sendo desenvolvidas as aulas. Eles começaram a comentar que havia uma grande diferença entre os professores que trabalhavam mais focados na cultura do povo. Falei a eles que para os professores conseguirem trabalhar assim foi um grande processo, mas que não poderíamos desistir.

Fiz então a chamada e tratamos de finalizar os trabalhos produzidos durante a semana para serem apresentados. Saímos para o intervalo e ao voltarmos demos início as apresentações, com as quais fiquei muito feliz, pois pude ver que todos conseguiram realizar as atividades propostas durante a semana.





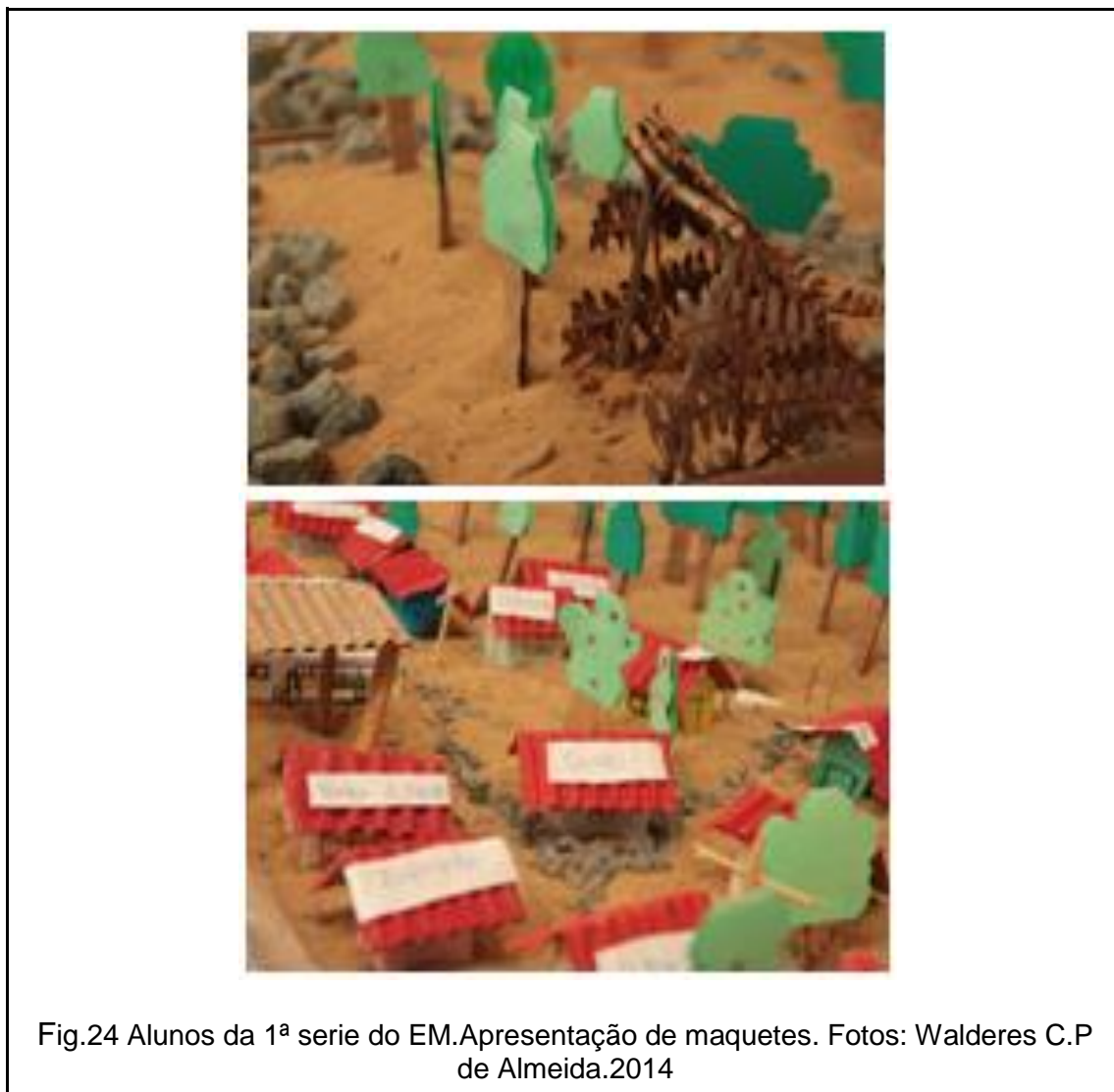


Fig.22- Apresentação dos mapas. Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014



Fig.23- Alunos da 1ª serie do EM. Apresentação da história em quadrinhos e do cartaz e do. Fotos: Walderes C.P de Almeida.2014





**- considerações sobre a realização do projeto**

Ao finalizar este projeto fiquei muito feliz com o envolvimento dos alunos, professores e até de alguns membros da comunidade Indígena nos trabalhos propostos. No decorrer das atividades e nas conversas com os alunos e todos os envolvidos nesse trabalho, incluindo as lideranças, fica ainda mais claro a importância de lutarmos por uma Escola Indígena realmente diferenciada. Uma escola que tenha um currículo próprio e que respeite a cultura, a tradição e a língua materna do povo Laklãnõ/Xokleng como está garantido na Constituição Federal de 1988 e assegurada no Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Leis que, por vários momentos, nos mostram que a educação escolar pode e deve valorizar os conhecimentos e saberes dos povos indígenas e ainda trazem um ponto muito

importante para nós como indígenas, que é a formação de professores indígenas para atuarem nas escolas dentro das Aldeias.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DIREITO A EDUCAÇÃO DIFERENCIADA**

A Constituição de 1988 assegurou aos indígenas do Brasil o direito de serem eles mesmos, com sua cultura, língua e tradição. Também tem assegurado o direito de utilizarem a língua materna no ambiente escolar, reconhecendo que dessa forma a escola irá contribuir para a afirmação étnica e cultural de cada povo. Depois vieram outras leis que tratam de uma educação diferenciada e de qualidade nas Terras Indígenas, como o Plano Nacional e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que enfatiza a necessidade de valorização dos conhecimentos e saberes dos povos indígenas e aponta a importância da formação de professores indígenas. Visto que a constituição não trás com detalhes essas questões, foram criadas outras leis para complementar esta última, estas focadas em responder muitas perguntas do *porquê* uma escola diferenciada ou ainda, *o que é* uma escola diferenciada.

No ano de 1998 o MEC lançou o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas que mostra com exatidão o modelo de escola que queremos e pela qual lutamos:

Os princípios contidos nas leis dão abertura para a construção de uma nova escola, que respeite o desejo dos povos indígenas de uma educação que valorize suas práticas culturais e lhes dê acesso a conhecimentos e práticas de outros grupos e sociedades. Uma normatização excessiva ou muito detalhada pode, ao invés de abrir caminhos, inibir o surgimento de novas e importantes práticas pedagógicas e falhar no atendimento a demandas particulares colocadas por esses povos. A proposta da escola indígena diferenciada

representa, sem dúvida alguma, uma grande novidade no sistema educacional do país, exigindo das instituições e órgãos responsáveis a definição de novas dinâmicas, concepções e mecanismos, tanto para que essas escolas sejam de fato incorporadas e beneficiadas por sua inclusão no sistema, quanto respeitadas em suas particularidades (RCNEI: 34).

Nós, como professores indígenas, conhecendo os direitos que nos asseguram e colocando-os em prática, estaremos caminhando para tornar nossas escolas *realmente* diferenciadas. Por outro lado, o conhecimento sobre a lei de uma educação diferenciada contida na constituição federal abre portas na esfera estadual para lutarmos por essa educação nos órgãos competentes. Como observei durante a pesquisa na fala de muitas lideranças "a escola é formadora de novas lideranças que conheçam a cultura, a língua materna, a tradição de nosso povo e saibam correr atrás de nossos direitos", dessa maneira, a escola passa a ter *múltiplos sentidos* para a comunidade indígena, pois, além de ser um espaço de educação e formação de alunos é um ambiente aberto à comunidade, como um espaço indígena ela pode refletir também nossas próprias formas de saber-fazer.

Agora, como podemos requerer nosso direito de ter uma escola diferenciada, se muitos que representam a Educação Indígena no estados (GEREDs) não possuem conhecimento de como cada povo indígena tem seu modo de ser e viver? Esta falta de conhecimento sobre nossas culturas faz com que os órgãos de gestão da educação indígena continuem querendo que nossas escolas sigam o mesmo currículo das escolas não indígenas. Atitude que nos remete ao passado, onde a educação esteve fundamentada na idéia de "civilização" dos indígenas que pregou a catequização como forma de integração, fazendo com que o indígena negasse sua identidade e se transformasse em algo diferente do que era. Não podemos esquecer que para este paradigma a escola servia para impor valores de uma outra sociedade, reforçando a negação da identidade e de culturas diferenciadas (PNE, 2001).

## 6. REFERÊNCIAS

### - FONTES ENTREVISTADAS

Alfredo Patté, 82 anos , Índio Laklãnõ/ Xokleng

Édú Priprá, 61anos . Índio Kaingang naturalizado Laklãnõ/ Xokleng

Coctá Clendo, 67 anos. Índia Laklãnõ/ Xokleng

Melissa Kórikã Priprá, 82 anos. Índia Kaingang naturalizada Laklãnõ/ Xokleng

Cangó Ingaclã (*In memória*), Morreu no ano de 2011 aos 89 anos. Índio Laklãnõ/ Xokleng

### - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato 1. **Diversidade Étnica, Direitos Indígenas E Políticas Públicas** NEPE, UFPE .2005

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar. **Educação da criança na revitalização da identidade indígena: o contexto xokleng/laklãnõ**. FURB - Universidade Regional de Blumenau- Centro de Ciências da Educação - Programa de Pós-graduação em Educação - mestrado em educação.2011

**BARUFFI, Mônica Maria. SENTIDOS DE ESCOLA E MOVIMENTOS SOCIAIS DO POVO XOKLENG, COMUNIDADE BUGIO – SC – FURB – 2006.**

CARVALHO ,leda Marques de. **Diversidade étnica e educação indígena: políticas públicas no Brasil** Universidade Católica Dom Bosco.2003

Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica.  
**Educação Indígena - Escola Indígena**. RELATORES: Kuno Paulo Rhoden, S.J. (Pe.). PROCESSO: 23001-000197/98-03 e 23001-00263/98-28

Direitos Indígenas Na Constituição da República Federativa Do Brasil De 1988

Edna E. Viera, **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng**. 2004.

ENCINA, Mariana da Silva Gonzalez. **A História Dos Povos Xokleng Como Referencial para uma Educação às Diversidades Étnicas** - Grupo de Trabalho – Diversidade e Inclusão - Agência Financiadora: CAPES. FURB, 2013

Grupioni, Luís Donisete Benzi. Secchi, Darci. Guarani, Vilmar **Legislação Escolar Indígena**

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1986.

MARKUS, Cledes. **Identidade étnica e educação escolar indígena**. Universidade Regional de Blumenau – Furb, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes para a política nacional de Educação Escolar Indígena**. Brasília, 1993 (Cadernos de Educação Básica, v. 2).

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Edeine, 1973.

\_\_\_\_\_. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Univali, 1997.

Site: [pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/978](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/978)